

# SOBRE OS DÍTONGOS DO PORTUGUÊS EUROPEU

Joana Carvalho\*

joanacarvalho21@gmail.com

*Faculdade de Letras da Universidade do Porto /Centro de Linguística da Universidade do Porto  
(Portugal)*

RESUMO. Este artigo apresenta diferentes perspetivas de vários autores sobre o processo de ditongação em Português Europeu (PE). A sua leitura, permite descobrir que os ditongos oferecem um vasto campo de pesquisa. Em PE encontramos ditongos orais crescentes e ditongos orais e nasais decrescentes. No entanto, demonstraremos que esta classificação é, em si mesma insuficiente, por se registarem operações de ditongação a nível lexical e pós-lexical e dificuldades de segmentação silábica em relação a alguns ditongos. Este problema surge associado à indefinição do estatuto da glide e do seu enquadramento na classe dos sons vocálicos ou dos sons consonânticos.

PALAVRAS-CHAVE. Glide; Hiato; Ditongos Orais; Ditongos Nasais; Lexicalização; Autossegmento.

ABSTRACT. This article considers several views of different authors related to the diphthongization process in European Portuguese (EP). By reading it, you will discover that diphthongs offer us a vast field of research. In EP you can find rising oral diphthongs and falling oral and nasal diphthongs. However, we will show that this classification is, in itself, inconclusive, since cases of diphthongization operations have been detected at a lexical and post lexical level and also several problems related to the syllabic segmentation of some diphthongs. This problem is connected to the indefinition of the glide status and its place in the category of vocalic sounds or consonantic sounds.

KEY-WORDS. Glide; Diphthong; Hiatus; Oral diphthongs; Nasal diphthongs; Lexicalisation; Autosegment.

---

\* Estudante do Curso de Doutoramento em Linguística da FLUP.

## *1. Introdução*

O artigo em questão conduz o leitor pelo mundo dos ditongos do Português Europeu (PE), apresentando uma visão geral do modo como têm sido abordadas várias questões relacionadas com este tema.

À partida, ninguém terá dificuldade em afirmar que no PE os ditongos podem ser orais (ditongos crescentes ou ditongos decrescentes) ou nasais. A solução para a identificação e classificação dos ditongos não parece difícil. Como veremos, o estudo dos ditongos tem evoluído bastante e existem muitas hipóteses em relação ao modo como devemos entender o fenómeno da ditongação.

Desde logo, começamos por explorar o estatuto da glide. Há várias questões que têm preocupado os estudiosos como, por exemplo, as diferenças entre vogais e glides ou o seu estatuto segmental em PE.

Além de traçar algumas considerações sobre a glide, abordamos a questão da formação dos ditongos em contexto silábico e apresentamos as diferenças entre ditongos crescentes e decrescentes, nasais (decrescentes, lexicais e pós-lexicais). Obviamente, o processo de semivocalização do fonema lateral /l/ não será esquecido.

No intuito de analisar todos estes assuntos de forma correta tornou-se necessário recorrer à Teoria da Optimidade e a abordagens do ponto de vista da Fonologia Estruturalista, Fonologia Lexical e da Fonologia Autossegmental.

Assim sendo, nas páginas que se seguem, apresentamos algumas considerações elaboradas por diversos autores acerca do fenómeno da ditongação.

## *2 Glides: Consoantes ou Vogais?*

A questão do enquadramento das glides no grupo dos sons vocálicos ou dos sons consonânticos gera bastante controvérsia. Foneticamente, as glides aproximam-se das vogais, dada a inexistência de uma obstrução à passagem do ar na cavidade bucal quando se efetua a sua produção (Malmberg 1998:73) e, em simultâneo, demonstram alguma proximidade com as consoantes.

Portanto, agora o importante será perceber o que leva tantos autores a argumentar que as glides deverão ser incluídas no grupo das consoantes. Em relação a este assunto, atentemos nas

palavras de Barbosa (1965:165/170) que considera as glides *j* e *w* fonemas consonânticos do português: «*Le portugais connaît les phonèmes consonantiques suivants: /p b m f v t d n l r ñ λ j s z ʒ k g w ɣ/.*».

A descrição que faz de [j] torna as suas palavras mais claras: “... consoante fricativa palatal muito próxima da vogal [i] não acentuada.”. Referindo-se a [w], o mesmo autor, afirma que estamos perante uma consoante: “... fricativa bilabial velarizada sonora muito próxima de vogal não acentuada [u] ”. O autor assume que as glides são consoantes porque na sua produção existe uma leve constrição, sendo por isso identificadas como fricativas. Por outro lado, para Barbosa, estes fonemas podem estabelecer um par mínimo: pai – pau.

A opinião de Câmara (1970:55), estruturalista, tal como Barbosa, deixa-nos igualmente a indagar sobre a real natureza das glides. Este autor concebe as glides como «vogais pela metade». Segundo o autor, esta expressão, usada para explicar o conceito de glide, deve-se ao facto de a sua emissão ser reduzida, traço característico das vogais assilábicas.

Mateus e Andrade (2000:30) e Bisol (2005:123) afirmam que na estrutura subjacente das glides [j] e [w] se encontram duas vogais altas [i] e [u] por partilharem os mesmos traços a nível fonético.

Observemos o quadro 1.

	Vogais		Glides	
	I	u	J	w
[altura]	.	.	.	.
[alto]	+	+	+	+
[baixo]				
[labial]		.		.
[arredondado]		+		+

A semivogal ou glide funciona como uma espécie de consoante, porque nunca pode ser núcleo de sílaba, portanto, caracteriza-se como assilábica. A produção, por exemplo, de *li* (1) e de *tu* (2) nunca poderia ter como correspondente fonético uma glide.

(1) *li* [li] vs \*[lj]

(2) *tu* [tu] vs \*[tw]

A glide, além de não poder constituir núcleo de sílaba, nunca recebe acento, será sempre caracterizada como átona. No caso das vogais encontramos vogais acentuadas (tónicas) e não acentuadas (átonas) (Mateus 2006:991/2).

Há ainda uma outra distinção entre vogais e glides que convém assinalar. A vogal terá uma pronúncia mais longa e a glide será quase impercetível, ou seja, é pronunciada de forma breve (Rua *et alii* 2005:814).

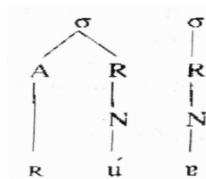
Após a explicitação das principais propriedades da glide, iniciemos o estudo do fenómeno da ditongação, isto é, o comportamento de uma glide junto de uma vogal.

## 2. Os ditongos

Um ditongo forma-se quando uma vogal alta não acentuada ([i] ou [u]) se encontra com uma outra vogal numa mesma sílaba. A vogal alta no processo de silabificação torna-se assilábica e transforma-se numa glide ou semivogal. A glide ou semivogal associa-se, juntamente com a vogal que a antecede ou sucede, ao núcleo silábico, formando um ditongo decrescente ou crescente.

Os ditongos são sempre estruturas fonéticas em virtude de nunca poderem contrastar fonologicamente com sequências de duas vogais ( [páj] vs. \* [pai]). Assim, se justifica o facto de as glides não constarem no inventário fonológico do português.

Quando estamos em presença de uma vogal alta, [i] ou [u], acentuada seguida de uma outra vogal surge um hiato, isto é, as vogais pertencem a sílabas diferentes, como se pode verificar na representação da palavra *rua* (Cabeleira e Correia 2003:361):



Apesar desta possibilidade, ao que parece, nas línguas existe uma preferência pela ditongação e não pelo hiato.

Antes de prosseguirmos com o estudo dos ditongos decrescentes, temos de compreender melhor a natureza dos ditongos crescentes e perceber a razão pela qual são catalogados por alguns autores de falsos ditongos.

### 2.1. *Ditongos Crescentes*

Os ditongos crescentes resultam de um encontro entre uma glide e uma vogal. As dificuldades de translineação de palavras com ditongos crescentes, manifestadas por parte dos falantes de português europeu, são o cerne de toda a discussão: verdadeiros ou falsos ditongos.

Observem-se os seguintes dados:

Grupo I: j + V	Grupo II: w + V
[ˈvjɛʃ] viés	[ˈswinu] suíno
[ˈvjaʒɛ] viagem	[ˈkrwezɐ] crueza
[ˈpjɔr] pior	[ˈkwɛkɐʃ] cuecas
[ˈmjudu] miúdo	[ˈswɔr] suor
[ˈmjadɐ] meada	[ˈvwo] voou
[ˈʒjɛʃtɐ] giesta	[ˈkwɐlu] coelho
[ˈmjolu] miolo	[ˈtwaɫɐ] toalha
[ˈfjadɐ] fiada	[ˈmwelɐ] moela
[ˈdjabu] diabo	[ˈswaɫu] soalho
[ˈtjatru] teatro	[swinikuˈtuɾɐ]
[Rjɐˈlezɐ] realeza	suinicultura
[mjuˈdezɐ] miudeza	[vwɐˈdɔr] voador
Grupo III: j+ VG	Grupo IV: w + VG
[krʲajʃ] criais	[swajʃ] suais
[fjɛjʃ] fiéis	[krwɛjʃ] cruéis

Na análise destes dados<sup>1</sup> verificamos que:

- a glide [j] ou [w] precede vogais silábicas em sílabas acentuadas ou não acentuadas;
- a sequência glide + vogal é mais frequente na primeira sílaba de uma palavra do que no final de palavra;

<sup>1</sup> Os exemplos acima transcritos foram retirados de Mateus (1994:267), Freitas e Santos (2001:42) e Freitas (2001:214). Algumas das transcrições fonéticas são da responsabilidade da autora deste trabalho.

- as glides podem ser precedidas de ataques simples ou complexos;
- a glide [j] ou [w] nos grupos III e IV precede ditongos decrescentes;
- as glides [j] e [w] não são acentuadas;
- não aparece nenhuma consoante em coda a seguir a ditongo crescente.

Quando pedimos a falantes do português que procedam à translineação de palavras com estruturas como as apresentadas nos grupos I e II existe uma grande alternância entre vogal e glide. Esta alternância deve-se ao facto de estarmos em presença de um segmento [+alto] ao lado de uma vogal [-baixa] (Mateus e Andrade 1998:287) e também se liga a diferentes velocidades de produção (Freitas e Santos 2001:45)<sup>2</sup>. Tudo isto resulta na possibilidade de estarmos perante duas divisões silábicas para uma mesma palavra:

Grupo V: j+w

viés	[ˈvjɛʃ]	[viˈɛʃ]
pior	[ˈpjɔr]	[piˈɔr]
miúdo	[ˈmjudu]	[miˈúdu]
meada	[ˈmjadɐ]	[miˈádɐ]
giesta	[ˈʒjɛʃtɐ]	[ʒiˈɛʃtɐ]
miolo	[ˈmjolu]	[miˈólu]
meada	[ˈfjadɐ]	[fiˈádɐ]
fiada	[ˈdjabu]	[diˈábu]
diabo	[ˈtjatru]	[tiˈátru]
teatro	[Rjɐˈleza]	[Riɐˈlezɐ]
realeza	[mjuˈdezɐ]	[miuˈdezɐ]
miudeza		

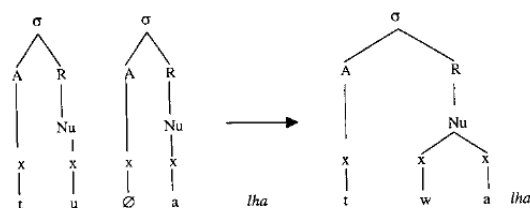
Grupo VI: w + V

suíno	[ˈswinu]	[suˈínu]
cruza	[ˈkrwezɐ]	[kruˈezɐ]
cuecas	[ˈkwɛkɛʃ]	[kuˈɛkɛʃ]
suor	[ˈswɔr]	[suˈɔr]
voou	[ˈvwo]	[vuˈó]
coelho	[ˈkwɛlu]	[kuˈɛlu]
toalha		
moela		

<sup>2</sup> Rua et alii (2005:807/8) socorrendo-se da Fonética Experimental para estudar os ditongos orais do português europeu verificaram que «...os ditongos apresentam uma duração inferior aos seus pares de hiatos.».

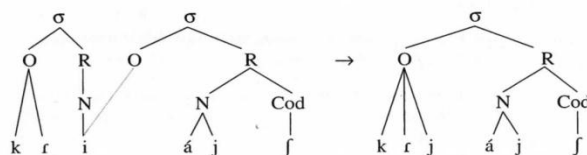
soalho	[ˈtwaλɐ]	[tuˈáɫɐ]
suinicultura	[ˈmwelɐ]	[muˈéɫɐ]
voador	[ˈswaɫu]	[suˈaɫu]
	[swinikuˈtʰure]	[suinikuˈtʰure]
	[vwɐˈdór]	[vuɐˈdór]

A alternância entre vogal e glide sugere que a nível subjacente se encontre uma vogal fonológica que se transforma em glide através de um processo pós-lexical (Freitas 1997:215; Bisol 2004:121):



De acordo com esta representação fonológica<sup>3</sup>, a vogal [u] num nível subjacente faz parte do núcleo da primeira sílaba. A sílaba seguinte é constituída por um ataque vazio e por um núcleo onde se encontra a vogal [a]. Após o processo de pós-lexicalização, a semivogal [w] passará a fazer parte do núcleo.

Mateus e Andrade (2000), Andrade (1998:98) e Mateus (1994: 267/9) também defendem que a nível fonológico a semivogal é uma vogal e ocupa o núcleo de uma sílaba. No entanto, a nível fonético, dá-se uma alteração que vai fazer com que a vogal se desloque da sua posição de núcleo e passe a ocupar a posição de ataque vazio que estava disponível na sílaba seguinte. A vogal sofreu assim um deslizamento<sup>4</sup>, perdendo o seu traço silábico e transformando-se numa glide como se pode ver no exemplo com a palavra *criais* (Mateus e Andrade 2000:51):



<sup>3</sup> Em Santos e Freitas (2001:43) a glide do ditongo crescente também faz parte do núcleo.

<sup>4</sup> Tradução feita a partir da palavra inglesa *gliding*.

Um outro argumento utilizado pelos autores para fundamentar a hipótese de que a glide não faz parte da rima a nível fonético prende-se com a nasalidade. Quando a glide ocorre antes de vogal ou ditongo nasal não é nasalizada (Freitas e Santos 2001:42):

Grupo VII

[pjãw] *pião*

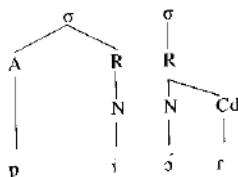
[fjãbr̃] *fiambre*

[bjõbu] *biombo*

[kwẽtʁuʃ] *coentros*

Apenas as glides que fazem parte de ditongos decrescentes nasalizam e, por esse motivo, fazem parte da rima.

Cabeleira e Correia (2003)<sup>5</sup>, num estudo realizado com alunos do 5º ano e do 8º ano verificaram que a maioria dos alunos tem uma forte percepção do hiato em palavras como as do grupo V e VI, em que existe a possibilidade de semivocalização de uma vogal alta. A única exceção registada foi na palavra *suinicultura*, em que a maioria dos alunos mantém o ditongo [swi]. As autoras, tendo em conta os resultados obtidos, defendem a ideia de que os ditongos crescentes são “estruturas marcadas da língua” e não se podem considerar verdadeiros ditongos. A estrutura silábica resultante seria a seguinte (Cabeleira e Correia 2003:357):



Nesta estrutura silábica as autoras colocam a hipótese de os ditongos crescentes nos grupos V e VI, em que se dá a alternância glide/vogal, serem falsos ditongos e incluem a vogal [i] no núcleo da primeira sílaba, favorecendo a ideia de estarmos em presença de um hiato.

Freitas e Santos (2001) e Mateus *et alii* (2006:1046) consideram que o facto de a glide poder ser percecionada como vogal está ligada à velocidade ou registo com que se produzem as palavras. Se

<sup>5</sup> Neste mesmo estudo (2003:356) em palavras consideradas falsas esdrúxulas (ex.: petróleo, canário, ardósia e contínua) os alunos do 5ºano na sua maioria percecionam o hiato. Por seu lado, os alunos do 8º ano percecionam um ditongo crescente.



a velocidade for rápida na palavra *moela*, obtemos a sequência GV [‘mwɛɫ]; se a velocidade de produção for lenta a sequência será V.V [mu’ɛɫ].

As autoras discordam quanto à posição que a glide deve ocupar no caso de ser percebido um ditongo crescente. Mateus *et alii* (2006:1046) consideram que a glide ocupa a posição de ataque, Freitas e Santos (2001:43/4), por seu lado, defendem que a glide deve estar presente no núcleo.

### 2.1.2 Ditongos crescentes que não fazem alternância com hiato

Há um grupo de ditongos crescentes que não estabelece uma alternância com o hiato, o que acrescenta mais interesse à problemática da identidade real ou fictícia deste grupo de ditongos.

Vejamos alguns exemplos:

#### Grupo VII: [kw] e [gw]

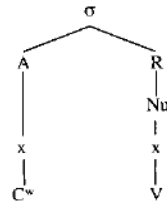
quarto	[‘kwaftu]	*[ku’aftu]
quatro	[‘kwatru]	*[ku’atru]
quadrado	[kwɛ’dradu]	*[kuɛ’dradu]
água	[‘agwɛ]	*[‘aguɛ]
pinguim	[pi’gwi]	*[pi’gui]
guarda	[‘gwardɛ]	*[‘guardɛ]
qual	[‘kwaʔ]	*[ku’aʔ]
quando	[‘kwādu]	*[ku’ādu]
quociente	[kwoci’etɨ]	*[kuosi’etɨ]

Nestes exemplos (Bisol 2005:121; Freitas 2001:214), desde logo, observamos o seguinte comportamento:

- impossibilidade de alternância glide/vogal;
- a consoante que ocupa a posição de ataque é uma consoante oclusiva velar;
- o ataque não é ramificado;
- a glide que se segue à consoante oclusiva velar é [w];
- não se regista nenhum exemplo deste tipo com a glide [j];
- não aparece nenhuma consoante em coda a seguir a um ditongo crescente.

A questão que se coloca agora está relacionada com o estatuto fonológico de [w] em sequências [kw] e [gw]. Andrade e Viana (1993) propõem que estas sequências se refiram a duas consoantes

oclusivas velares labializadas, isto é, estaríamos em presença de um segmento complexo (Clements 1991 e Levelt 1994). De acordo com esta hipótese teríamos a seguinte representação:



Freitas (1997) vai precisamente corroborar esta hipótese através de um estudo que efetuou com crianças portuguesas em fase de aquisição da língua. As crianças portuguesas ao produzirem estruturas como as apresentadas no grupo VII não produziram qualquer tipo de erro. Freitas (1997) através da análise dos dados obtidos elabora os seguintes argumentos:

- (i) nestas estruturas a glide não apresenta um estatuto fonológico;
- (ii) as crianças produzem apenas um segmento no ataque;
- (iii) [kw] e [gw] aparecem e estabilizam antes das crianças produzirem ataques ramificados;
- (iv) a vogal que sucede a [kw] ou [gw] sofre um arredondamento devido à labialização da consoante velar [k] ou [g].

A conclusão será que nos encontramos em presença de dois segmentos fonológicos /k<sup>w</sup>/ e /g<sup>w</sup>/, respetivamente, com uma articulação vocálica. Bisol (2005:122), tal como Freitas (1997), afirma que não estamos em presença de um ataque ramificado. Neste caso, a glide, juntamente com a vogal que a sucede, forma um ditongo no nível pós-lexical.

Esta conclusão implica um aumento do número de segmentos no inventário segmental fonológico do português.

## 2.2 Ditongos Decrescentes: Os verdadeiros ditongos

Os ditongos decrescentes, tal como já foi anteriormente mencionado, podem ser orais ou nasais. Esta seria uma das razões pelas quais se considerariam estes como sendo os verdadeiros ditongos do português, dado que os ditongos crescentes são sempre orais.

Verifiquemos os exemplos de ditongos decrescentes abaixo expostos, para posteriormente os estudarmos.

### Grupo VIII: Ditongos Decrescentes

pai	[ˈpai]	*[ˈpai]
pau	[ˈpaw]	*[ˈpau]
ateu	[ɐˈtew]	*[ɐˈteu]
gaita	[ˈgajtɐ]	*[ˈgaitɐ]
saia	[ˈsajɐ]	*[ˈsaiɐ]
viu	[viw]	*[viu]
deus	[dewʃ]	*[deuʃ]
véu	[ˈvew]	*[ˈveu]
cuidado	[kujˈdado]	*[kujˈdado]
queixume	[kɐjˈʃumɨ]	*[kɐiˈʃumɨ]
endeusar	[edewˈzar]	*[edeuzar]
boiada	[bojˈadɐ]	*[boiˈadɐ]
facéis	[ˈfazɐjʃ]	*[ˈfazɐiʃ]
batem	[ˈbatɐj]	*[ˈbatɐi]
mão	[ˈmãw]	*[ˈmãu]
melão	[melãw]	*[melãu]
melões	[melõʃ]	*[melõiʃ]
pães	[pãʃ]	*[pãiʃ]

Mediante a observação dos dados podemos concluir que:

- há impossibilidade de alternância vogal/glide nos ditongos decrescentes (Freitas e Santos 2001:44/5; Cabelreira e Correia 2003:358-360);
- os ditongos decrescentes podem ocorrer em posições acentuadas, pré-acentuadas ou pós-acentuadas;
- os ditongos nasais são sempre ditongos decrescentes;
- o único segmento que pode ocorrer como coda é a fricativa /s/ (Correia 2004:484);

A impossibilidade de alternância vogal/glide leva-nos a concluir que ambas se encontram na mesma sílaba<sup>6</sup> (Freitas e Santos 2001; Mateus et alii 2005:1044/5) e fazem parte de um núcleo ramificado. Ainda há outros fatores que explicam a existência de um núcleo ramificado. Um desses fatores já foi anteriormente referido e está ligado à nasalização. Ora, nos ditongos decrescentes nasais os dois segmentos, vogal e glide, são nasalizados.

Cabeleira e Correia (2003:358/360) também estudaram estes ditongos e constataram que existe uma elevada percentagem de perceção dos ditongos decrescentes<sup>7</sup>. Os tritongos foram percecionados pela maioria dos alunos como uma sequência de vogal seguida de ditongo decrescente (Cabeleira e Correia 2003:360). Os resultados obtidos comprovam que os ditongos decrescentes são estruturas não marcadas, pois formam estruturas ramificadas (cf. Fikkert 1994).

A teoria da Optimidade também se deteve no estudo dos ditongos decrescentes, vejamos como são analisados.

### 2.2.1 Os Ditongos Decrescentes na Teoria da Optimidade:

Andrade (1998) propõe uma análise em Teoria da Optimidade (Prince e Smolensky 1993) para os ditongos decrescentes em português apresentando as seguintes restrições:

(i) Restrições relacionadas com o acento:

- RITMO: alternância entre tempos fracos e fortes;
- ALIGN: a palavra é alinhada pelo fim;
- \*FINAL: o ritmo não começa pelo fim.

(ii) Restrições relacionadas com a sílaba:

- DEP: o material de input é idêntico ao material de output, portanto não pode haver epênteses;
- ONSET: todas as sílabas têm ataque;
- \*DIT: não pode haver ditongo..

Na tabela 2 verificamos que a hierarquia de restrições se organiza hierarquicamente da seguinte forma: RITMO>ALIGN>\*FINAL>DEP>ONSET>\*DIT. A hierarquização destas

---

<sup>6</sup> Para Bisol (2005: 123) a semivogal nos ditongos decrescentes encontra-se na mesma sílaba mas ocupa a posição de consoante, ficando portanto na posição de coda.

<sup>7</sup> Há uma palavra que gera alguma indecisão. A palavra *deus*. Os alunos do 5º ano percecionam esta palavra como um ditongo decrescente. Nos alunos do 8ºano 50% dos inquiridos perceciona *deus* como um hiato e os outros 50% como um ditongo decrescente.

restrições é efetuada desta forma porque as palavras acentuadas na segunda sílaba violam o começo do ritmo pelo fim e seguem o alinhamento da palavra pelo fim. O candidato ótimo será [pai].

Tabela 2

/pai/	RITMO	ALIGN	*FINAL	DEP	ONSET	*DIT
☞ (pai)			*			*
(pa.i)			*		*!	
(pa.ɫi)			*	*!		

Na tabela 3 e 4 temos precisamente o contrário RITMO>\*FINAL>ALIGN >DEP>ONSET>\*DIT. Os candidatos ótimos são [gajtɐ] e [sajɐ] porque as palavras acentuadas na terceira sílaba violam sempre o alinhamento da palavra pelo fim e a proibição de não formação de ditongo.

Tabela 3

/gaita/	RITMO	*FINAL	ALIGN	DEP	ONSET	*DIT
(gai.ta)	*!	*!				*
☞ (gai).ta			*			*
(ga.i).ta			*		*!	
(ga.ɫi).ta			*	*!		
ga.(i.ta)		*!			*!	

Tabela 4

/saia/	RITMO	*FINAL	ALIGN	DEP	ONSET	*DIT
(sai.a)	*!	*!			*!	*
(sa.i).a			*		**!	
(sa.ɫi).a			*	*!	*!	
sa.(i.a)		*			**!	
sa.(ia)	*!	*!				*
☞ (sai).a			*		*!	*
☞ (sai).a			*			*

Através do estudo destes três quadros vemos que, quando estamos em presença de uma estrutura vogal + vogal alta, todos os candidatos ótimos violam a restrição de não formação de ditongo, demonstrando que há na língua portuguesa uma certa resistência ao hiato e preferência pelo ditongo decrescente, isto é, a glide fará parte do núcleo silábico.

Por outro lado, a maioria das violações fatais dos candidatos relacionam-se sobretudo com as restrições relacionadas com a sílaba.

Desta forma, depreende-se que o acento se reveste de grande importância para a formação dos ditongos decrescentes e encontra-se ligado ao conceito de sílaba como entidade hierarquizada.

O estudo dos ditongos decrescentes não se esgota aqui. Seguidamente, adensaremos a sua complexidade explicando de forma breve o processo de semivocalização do fonema /l/.

### 2.2.2 *Processo de Semivocalização de /l/:*

Existe um processo em português europeu denominado processo de semivocalização de /l/ ligado ao plural. Em palavras acentuadas terminadas em -al, -el, -ol, -ul, /l/ transforma-se numa glide para formar o plural. A terminação do plural será [jʃ] (Morales e Front 1997:395/6). Os plurais resultantes formarão todos ditongos decrescentes.

Vejamos alguns exemplos (Morales e Front 1997:396):

#### Grupo IX

Singular

hospital [oʃpi'taɫ]

hotel [o'teɫ]

farol [fa'roɫ]

paul [pa'uɫ]

Plural

hospitais [oʃpi'tajʃ]

hotéis [o'tejʃ]

faróis [fa'rojʃ]

pauis [pa'ujʃ]

No processo de formação normal do plural acrescentar-se-ia aos nomes e adjetivos, cujo radical terminasse em consoante, o sufixo de plural /s/. Esta adição obrigaria à criação de um núcleo vazio que seria preenchido pela vogal epentética.

Nos plurais do grupo IX, a adição do segmento /S/ ao radical /l/ desloca a consoante lateral /l/ para a posição de núcleo vazio, que, recordemos, deveria ser ocupada pela vogal epentética, fazendo com que esta perca o traço [+cons.] e se transforme numa glide, formando um ditongo com a vogal anterior (Mateus 1997:179; Mateus 2006:1018/9; Câmara 1998:95; Mateus e Andrade 2000:70/1).

Até este momento, vimos o comportamento de uma sequência vogal /glide em contextos de formação de ditongos orais. Concentremos por ora a nossa atenção nos ditongos nasais.

### 2.3 Ditongos nasais

Antes de tecermos qualquer comentário acerca dos ditongos nasais, observemos mais alguns exemplos:

#### Grupo X

pão [ˈpãw̃]	mãe [ˈmãɐ̃]
irmão [irˈmãw̃]	põe [ˈpõɐ̃]
ladrão [laˈdrãw̃]	sótão [ˈsɔtãw̃]
mão [ˈmãw̃]	falam [ˈfalãw̃]

No grupo X, constituído por ditongos nasais constata-se que:

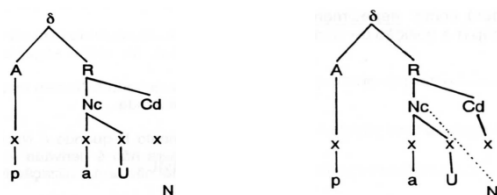
- a vogal que antecede as glides é [a] ou [o];
- aparecem em posição pós-tónica final e são, na sua maioria, portadoras de acento o que as transforma em rimas pesadas (Correia 2004);
- são ditongos decrescentes que comportam o traço de nasalidade;
- são precedidos por ataques simples.

Na Fonologia Estruturalista (Câmara 1970:59) a nasalidade era representada através do arquifonema nasal /N/, uma vez que as vogais nasais, assim como os ditongos nasais, não existem fonologicamente. O arquifonema nasal é introduzido porque, de acordo com Camara, «...a sílaba com a vogal dita nasal se comporta como uma sílaba travada por consoante», depois da vogal nasal apenas se dá a ocorrência em coda de «/r/ forte» e, finalmente, não existe nenhuma palavra em português em que uma vogal nasal possa formar um hiato. O ditongo nasal era analisado deste modo: /uiN/.

A Fonologia Autossegmental introduz o conceito de autossegmento que é independente, autónomo e pode ser representado em vários níveis. Numa representação da estrutura silábica da palavra *pão* introduz-se um autossegmento nasal que é flutuante (Andrade 1994:137)<sup>8</sup>:

---

<sup>8</sup> Bisol (2005:180) considera que a glide dos ditongos decrescentes faz parte da coda da rima silábica e que, por isso mesmo, o autossegmento nasal se projeta na rima e não no núcleo.



O autosegmento flutuante N vai-se projetar sobre o núcleo silábico, nasalizando a vogal e uma vogal lexicalmente marcada como não acentuada (Mateus et alii 2006:1045), em simultâneo.

Andrade (1994:137) refere ainda que só pode haver ditongos nasais deste tipo, onde se dá a projeção do autosegmento nasal sobre o núcleo, se este não estiver seguido de ataque<sup>9</sup>.

Segundo Correia (2004:492), o facto de este autosegmento nasal apenas se projetar no núcleo impede que qualquer segmento em posição de coda possa ser nasalizado.

Bisol (1998) considera que este tipo de nasalidade se denomina nasalidade por estabilidade, ou seja, há um autosegmento nasal flutuante que, devido à sua independência, se pode associar a unidades fonológicas diversas, graças ao Princípio de Estabilidade (Goldsmith, 1990:27/29 citado in Bisol:1998).

Obviamente, e como temos vindo a perceber, os ditongos nasais, à semelhança dos ditongos orais, não se resumem a estas breves linhas. Atentemos no ponto 2.3.1.

### 2.3.1 Ditongos Nasais Lexicais e Ditongos Nasais Pós-lexicais

Na formação do plural (Morales-Front e Holt 1997) a partir de um ditongo nasal singular obtemos uma terminação do plural em [õʃf] ou em [ãʃf] (Mateus e Andrade 2000:72):

#### Grupo XI

Singular	Plural
ação [asãw]	ações [asõʃf]
leão [ljãw]	leão [ljõʃf]
sermão [sɪrmãw]	sermão [sɪrmõʃf]

<sup>9</sup> De acordo com Andrade (1994:137), existem algumas palavras, consideradas exceções, em que o ditongo nasal se encontra seguido de ataque: cãibra, cãibal, cãibas, cãibeira, cãibo e cãibeiro.



## Grupo XII

Singular	Plural
pão [pãW]	pães [pãJ]
cão [kãW]	cães[kãJ]
capitão [kapitãW]	capitães[kapitãJ]

Bisol (1998) faz uma observação importante aos ditongos presentes em XI e XII. Na sua forma singular: estamos em presença de palavras cuja raiz tem duas vogais temáticas /a/ e /o/ acompanhadas de autossegmento nasal formando assim os ditongos nasais<sup>10</sup>. Por terem estas características, estes ditongos são classificados na teoria da Fonologia Lexical como ditongos lexicais, por serem gerados no léxico e atraírem o acento para o final de sílaba, onde se encontram.

No grupo XI o plural termina no ditongo nasal [õJ] porque no singular a raiz destes nomes é constituída por vogal temática /o/ mais o autossegmento nasal. Por seu lado, no grupo XII a raiz é constituída por vogal temática /a/ mais o segmento nasal, o plural resulta no seguinte ditongo [ãJ]. Mateus e Andrade (2000:72) explicam que na formação do plural, ao acrescentar o sufixo do plural /s/ à posição de coda, o autossegmento nasal vai projetar-se sobre o núcleo da sílaba acentuada. As sílabas nasais acentuadas têm tendência a ramificar daí que surja uma glide no seu núcleo.

No português existem também ditongos nasais pós-lexicais que se caracterizam pela ausência de vogal temática e a sua nasalização dá-se no interior de palavra como por exemplo:

## Grupo XIII

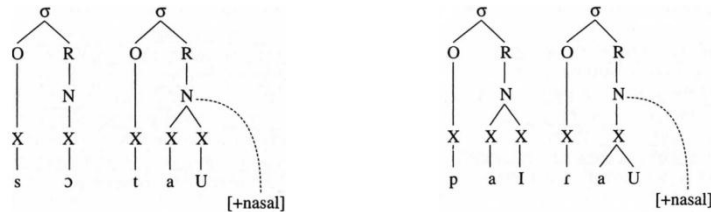
pairam [ˈpajrãW]
homem [ˈɔmãJ]
falam [ˈfalãW]
prendem [ˈpɾedÉJ]

Nestas palavras, com ausência de vogal temática o acento incide sobre a penúltima sílaba, deixando o ditongo sem acento. Assim, a glide presente nos ditongos pós lexicais é epentética, tendo em conta a sua inexistência a nível lexical (Mateus e Andrade 2000:133). A glide surge após o processo de ditongação.

---

<sup>10</sup> Para Bisol apenas os ditongos nasais que se formam a partir da vogal temática /o/ mais segmento nasal representam os verdadeiros ditongos nasais, pois /o/ vai-se transformar numa vogal alta. Excluem-se deste grupo um conjunto mínimo de palavras: órgão, órfão, bênção, Cristóvão, sótão, entre outras.

Os ditongos nasais lexicais e pós lexicais devido à ausência e presença de vogal temática e à posição do acento terão também diferentes representações a nível do esqueleto como se pode observar nas representações silábicas de *sótão* [ˈsɔtãw̃] e *pairam* [ˈpaɪrãw̃] (Mateus e Andrade 2000:56):



A partir da observação destas representações silábicas, constata-se que os ditongos lexicais ocupam duas posições no núcleo do esqueleto por se tratarem de ditongos pesados; os ditongos pós-lexicais, considerados leves, ocupam apenas uma posição no núcleo do esqueleto.

#### 4. Conclusão

Iniciamos este artigo com algumas considerações sobre a glide e os ditongos para clarificar a sua conceção enquanto estruturas fonéticas do PE e como são gerados.

Na secção dedicada aos ditongos orais, verificamos que apenas os ditongos decrescentes parecem constituir verdadeiros ditongos. Esta conclusão, partilhada por alguns autores, liga-se ao facto de, nestes ditongos, a vogal e a glide possuírem o traço de nasalidade. Além disso, os falantes do PE percecionam uma sequência vogal/glide como uma única sílaba. A Teoria da Optimidade confirma esta evidência.

Pelo contrário, as palavras que contêm ditongos crescentes apresentam uma alternância entre a vogal e a glide quando se procede à sua translineação. Esta alternância, dependente de circunstâncias específicas, resulta numa dupla divisão silábica: glide e vogal são parte da mesma sílaba ou encontram-se em sílabas diferentes.

A semivocalização do fonema lateral /l/, em contextos plurais, resulta na formação de um ditongo decrescente, merecendo por isso a nossa atenção.

No intuito de explicarmos a nasalização dos ditongos decrescentes, recorreremos à Fonologia Autossegmental para tornar mais claro este processo. Segundo os autores mencionados, existe um autossegmento nasal que se projeta sobre um núcleo silábico, atribuindo o traço de nasalidade aos segmentos aí presentes.

Os ditongos nasais singulares podem ainda ser ditongos lexicais ou pós-lexicais. De acordo com a Fonologia Lexical, os ditongos nasais lexicais, têm na sua raiz a vogal temática /a/ ou /o/ e um autossegmento nasal. Assim sendo, o plural de palavras com estas propriedades forma o ditongo nasal [ãʝ] ou [õʝ], respetivamente.

Já os ditongos nasais pós-lexicais não apresentam nenhuma vogal temática na raiz, impedindo o ditongo de receber acento. É através de um processo de ditongação que a glide emerge no nível pós-lexical.

Em suma, compreendemos que há várias questões relacionadas com a ditongação inexploradas e outras com respostas ainda inconclusivas, oferecendo, tal como já dissemos, um campo de investigação vasto em PE.

#### REFERÊNCIAS

- Andrade, E. 1998. Sobre a alternância vogal/glide em Português. *Actas do XIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL/Colibri., 91-102.
- Andrade, E. 1994. *Temas de Fonologia*. Lisboa: Colibri.
- Barbosa, J. M. 1965. *Etudes de Phonologie Portugaise*. Lisboa: Junta de Investigações Científicas do Ultramar.
- Bisol, L. 1998. A nasalidade, um velho tema. *DELTA*. **14**: 27-46.
- Bisol, L. 2001. Ditongo Nasal: uma hipótese duas leituras. In: *Razões e Emoção, miscelânea de estudos oferecida a Maria Helena Mira Mateus*. Departamento de Linguística Geral e Românica. Lisboa: FLUL.
- Bisol, L. 2005. *Introdução aos Estudos de Fonologia do Português Brasileiro*. 4ª edição. Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Cabeleira, S. & Correia, S. 2003. Ditongos, Tritongos e Hiatos - Intuição e propostas de divisão silábica com crianças dos 10 aos 13 anos em PE. *Actas do XIX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL/Colibri, 351-362.
- Câmara, J. M. 1970. *A Estrutura da Língua Portuguesa*. 18ª edição. Pétropolis: Vozes.
- Clements, G.N. 1991. *Place of articulation in consonants and vowels: a unified theory*. Working papers of the Cornell Phonetics Laboratory 5: 77-123.

- Correia, S. 2004 A Aquisição da Rima em Português Europeu - ditongos e consoantes em final de sílaba. *Actas do XX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL/Colibri, 483-493.
- Freitas, M. J. 2001. Os ping[w]ins são diferentes dos c[w]elhos? Questões sobre oclusivas velares, semivogais e arredondamentos na aquisição do português europeu. *Actas do XVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL/Colibri, 213-225.
- Freitas, M.J.; Santos, A. L. 200. *Contar (histórias de) sílabas*. Lisboa: Colibri.
- Hyman, L. M. 1985. *A theory of phonological weight*. Dordrecht: Foris.
- Levelt, C. 1994. *On the acquisition of place*. Leiden: HIL.
- Fikkert, P. 1994. *On the Acquisition of Prosodic Structure*. Leiden: HIL.
- Malmberg, B. 1998. *A Fonética*. Lisboa: Edição Livros do Brasil.
- Mateus, M. H. M. 1983. O Acento de Palavra em Português: Nova Proposta. In: M.H. M. Mateus (org.). *A Face Exposta da Língua Portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- Mateus, M. H. M. 1994. Onset of Portuguese Syllables and Rising Diphthongs. In: M.H.M. Mateus (org.) *A Face Exposta da Língua Portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- Mateus, M. H. 1997. Aspectos da Fonologia Lexical do Português. In M.H.M. Mateus (org.). *A Face Exposta da Língua Portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- Mateus, M. H. M. & D'Andrade, E. 1998 . The syllable structure in European Portuguese. In M.H.M. Mateus (org.). *A Face Exposta da Língua Portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- Mateus, M. H. M.; D'Andrade, E. 2000. *The Phonology of Portuguese*. Oxford: Oxford University Press.
- Mateus, M.H.M. 2006. Fonologia. In: M.H.M. Mateus et al. (org.). *Gramática da Língua Portuguesa*. 7ª edição. Lisboa: Caminho.
- Mateus, M.H.M.; Frota, S. & Vigário, M. 2006. Prosódia. In: M.H.M. Mateus et al. (org.). *Gramática da Língua Portuguesa*. 7ª edição. Lisboa: Caminho.
- Morales-Front, A. & Holt, D. E. 1997. On the interplay of morphology, prosody and faithfulness in Portuguese pluralisation. In: F. Martínez-Gil & A. Morales-Front (Eds). *Issues in the Phonology and Morphology of the Major Iberian Languages*. Washington DC: Georgetown University Press, 393-437.
- Rua, C.; Teixeira, A.; Moutinho, L. C. 2005. Ditongos Orais do Português Europeu. In: I. Duarte; I. Leiria (org.). *Actas do XX Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL/Colibri, 803-816.